

# SISTEMATIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO COOPERATIVA E AUTO - AVALIAÇÃO \*

Marilene Schmarczek \*\*

Liz Fontoura \*\*\*

**RESUMO:** Propõe a utilização de instrumentos idênticos para a avaliação cooperativa e auto-avaliação. Foram observados quatro grupos de alunos que experimentaram diferentes modalidades de avaliação. No final da disciplina foi utilizado um único instrumento para os quatro grupos. Verificaram-se diferenças maiores entre as avaliações cooperativas e auto-avaliação nos grupos que, ao longo do semestre somente realizaram auto-avaliações.

## I - INTRODUÇÃO

A experiência realizada nos dois semestres do ano de 1980 pela Disciplina de Enfermagem de Saúde Mental originou-se da necessidade que sentimos de sistematizar avaliações em termos de avaliação cooperativa e auto-avaliação, frente aos objetivos gerais da disciplina.

O aluno submetia-se ao processo de auto-avaliação e avaliação cooperativa no final da disciplina, tendo ao longo da mesma preenchido formulário de auto-avaliação que incluía avaliação do grupo. Avaliava, ainda, os colegas assistematicamente após apresentação de trabalhos ou vivência em grupo. Pouca oportunidade lhe era dada no sentido de verificar até onde diferia a percepção que tinha do seu desempenho em relação a como os colegas o percebiam. No último semestre de 1979, aplicou-se um novo modelo de auto-avaliação. Assim, julgamos que, embora bem compreendido e percebido, o referido modelo divergia do formulário de auto-avaliação e que deveria haver uma coerência entre os ítems que constituem os dois modelos de avaliação.

Por outro lado, tivemos o cuidado de verificar se os objetivos da disciplina estavam contidos nos vários itens que constituíam os formulários de avaliação.

---

\* Projeto financiado pelo PADES/UFRGS. Relatório aprovado em 8.4.81, através do Parecer 04/81 PADES.

\*\* Professor Regente da Disciplina de Enfermagem de Saúde Mental - Departamento de Assistência e Orientação Profissional - EEUFRGS.

\*\*\* Monitora da Disciplina. Colaboradora do projeto.

Isto posto, procuramos adaptar a auto-avaliação e avaliação cooperativa a um instrumento comum, elaborando dois modelos de formulários para diferentes turmas; e utilizando o formulário tradicional para uma das turmas com o objetivo de:

1. Comparar os resultados frente à avaliação das mesmas turmas ao final da disciplina.
2. Medir diferenças entre percepção na avaliação cooperativa e auto-avaliação, pelo aluno, através do uso de formulários.
3. Elaborar um formulário de avaliação final, comum a todas as turmas.

A testagem, pelo próprio aluno junto com o professor e monitor, da percepção que ele tem sobre o próprio rendimento em trabalho de grupo, e como os colegas o percebem, reforça e executa o objetivo da disciplina em termos de inter-relacionamento e comunicação. Além de medir as diferenças, permite ao aluno participar do processo avaliativo, desenvolver a capacidade de observar sistemática e assistematicamente e obter melhor rendimento.

## II – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Segundo TYLER, avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que as mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo.

Toda a situação avaliativa é a que dá aos estudantes uma oportunidade de expressar o tipo de comportamento que estamos procurando avaliar e que lhes possibilita expressar o comportamento implicado nos objetivos.

Considera o mesmo autor que só depois de identificados os objetivos, claramente definidos, e constituída uma lista de situações que facilitam a expressão do comportamento desejado, é possível examinar os instrumentos de avaliação disponíveis para verificar até que ponto servem ao propósito da avaliação.<sup>6</sup>

MARQUES considera que a avaliação pelos alunos é outro recurso de avaliação dos mais valiosos, seja na avaliação da própria aprendizagem (auto-avaliação), seja na avaliação do ensino, uma vez que eles estão intrinsicamente comprometidos no processo. Mais adiante refere que no ensino superior o aluno pode ser solicitado a auto-avaliar-se, a participar da avaliação dos colegas bem como a opinar em aspectos avaliativos do ensino e professor.<sup>1</sup>

ROGERS trata de uma tendência auto-reguladora na qual o organismo ou grupo se informa espontaneamente do seu próprio funcionamento para poder prosseguir os seus objetivos de crescimento.<sup>2</sup>

Para que o aluno assuma responsabilidade em avaliar necessariamente ele assume o papel de observador e utiliza em situações de classe, ou fora de-

la, esclarecimentos frente à ação dos colegas, de forma a responder com certeza às questões que lhe são formuladas.

SELLITZ, JAHODA, DEUTSCH e COOK referem que a melhor solução de que dispomos é fazer com que duas ou mais pessoas observem o mesmo acontecimento. Isso permite comparar resultados e verificar seu viés. Os registros devem ser separados e depois comparados. No caso de observadores participantes, cada um terá oportunidade de observar o outro em ação e verificar como as pessoas reagem a ele. Isso fornece a cada observador uma verificação a seu próprio respeito.<sup>5</sup>

### III – MATERIAL E MÉTODO

O material utilizado foi obtido através de cinquenta e quatro alunos que cursaram a disciplina.

Trabalhamos com três turmas no primeiro semestre de 1980, aplicando a duas turmas sistematicamente avaliações cooperativas e auto-avaliação usando para as turmas B e C, respectivamente, modelos B e C. Na turma A aplicamos, como até então fazíamos, auto-avaliação sistemática, incluindo conduta grupal escrita e oralmente o rendimento dos colegas de forma sistemática.

No segundo semestre, trabalhamos com apenas uma turma utilizando modificações ao modelo B e incluindo parte de avaliação final.

No final dos semestres todas as turmas realizaram avaliação utilizando um mesmo formulário, elaborado para este fim, e que serviu para avaliarmos as oscilações, entre os diferentes resultados apresentados pelas quatro turmas.

### IV – RESULTADOS

Verificamos que o modelo aplicado a 17 alunos (turma C), embora para nós fosse mais detalhado, por possuir em uma das partes, questões abertas e descritivas e uma parte objetiva, tornava-se longo e não conseguimos que o aluno o respondesse ao final das atividades. Igualmente, na distribuição de questões que tinham características, ora grupais, ora individuais, a numeração dos itens não correspondia aliada às constantes queixas de que era uma rotina fizeram com que abandonássemos esse material.

O modelo B foi utilizado sem dificuldades por 14 alunos.

O modelo tradicional que foi aplicado a 11 alunos (turma A) apresentou os problemas que outras turmas expressaram ser longo, repetitivo.

O modelo aplicado à turma D, de 12 alunos (segundo semestre), foi aceito pela maioria dos componentes.

Após a entrevista de avaliação formativa os grupos aceitaram o sistema utilizando-o com maior facilidade e responsabilidade. Igualmente, convergiam para o alcance dos objetivos gerais, através dos comportamentos que evidenciaram.

A avaliação final, aplicada aos quatro grupos, foi aceita por aqueles que usaram os modelos B, C, D, ao passo que o grupo que trabalhou com o sistema tradicional reagiu à experiência de avaliar os colegas, embora todos resolvessem a tarefa.

Os resultados da avaliação final entre os 54 alunos foram os seguintes:

#### Semelhanças entre as auto-avaliações e as avaliações cooperativas

Turmas	Semelhanças
A	1
B	2
C	3
D	0
TOTAL	6

Seis (6) alunos apresentaram avaliações semelhantes, ou sem diferença, das auto-avaliações, sendo uma (1) da turma A, duas (2) da turma B e três (3) da turma C.

#### AUTO - AVALIAÇÕES SUPERIORES ÀS AVALIAÇÕES COOPERATIVAS

DIFERENÇAS TURMAS	DIFERENÇAS									TOTAL
	0,1	0,2	0,3	0,4	0,5	0,6	0,7	0,8	0,9	
A	1	1	2	1	1	—	—	1	—	7
B	2	2	2	—	1	—	—	—	—	7
C	—	5	—	—	1	3	—	—	1	10
D	3	1	1	2	—	—	—	—	—	7
TOTAL	6	9	5	3	3	3	—	1	1	31

Trinta e um (31) alunos têm resultados da auto-avaliação superiores à avaliação cooperativa. Sendo sete (7) das turmas A, B, D e dez (10) da turma C.

#### AUTO - AVALIAÇÕES INFERIORES ÀS AVALIAÇÕES COOPERATIVAS

DIFERENÇAS TURMAS	DIFERENÇAS								TOTAL
	0,1	0,2	0,3	0,5	0,7	0,8	1,0	1,6	
A	1	1	—	—	—	—	—	1	3
B	2	1	—	—	1	—	1	—	5
C	—	—	2	1	—	1	—	—	4
D	1	3	—	1	—	—	—	—	5
TOTAL	4	5	2	2	1	1	1	1	17

Dezessete(17) alunos tem somatório de suas auto-avaliações inferiores às avaliações cooperativas. Destes, três (3) pertencem à turma A, cinco (5) às turmas B e D e quatro (4) à turma C.

Assim, aproximadamente 58% dos alunos atribuíram conceitos superiores a si mesmos, em relação à média dos conceitos que o grupo lhes atribuiu, sendo a diferença de 0,2 a mais freqüente entre elas, seguida de 0,1. As diferenças para as médias inferiores à auto-avaliação e a avaliação cooperativa correspondem a, aproximadamente, 31% e, igualmente, predominam as diferenças de 0,2, seguidas de 0,1.

Os resultados que não apresentam diferenças correspondem a 11%, aproximadamente, dos alunos.

#### V – DISCUSSÃO

Os modelos utilizados durante os dois semestres de oitenta e as características de cada turma podem ter repercutido nos resultados da avaliação final.

As diferenças obtidas, através da freqüência dos resultados das avaliações, na ausência de um estudo estatístico mais apurado, evidenciam que a turma que não foi submetida à avaliação cooperativa X auto-avaliação ao

longo da disciplina (turma A) apresenta diferenças de 0 a 1,6 na escala de alternativas de 1 a 5 pontos distribuída entre 26 itens.

Logo, os alunos que realizam a auto-avaliação e avaliação cooperativa de forma contínua e sistematizada numa descrição somatória de frequências, apresentam resultados inferiores àqueles que somente ao final da disciplina a realizam.

Igualmente, o comportamento da turma A, frente à execução da tarefa, difere completamente das turmas que vivem a experiência ao longo da disciplina.

Quanto à possibilidade de mensurar os resultados em termos de diferenças de percepção entre a avaliação cooperativa e a auto-avaliação pelo aluno, através de modelos sistematizados e um grupo apenas com auto-avaliação podemos dizer que:

– O grupo D, composto de doze (12) alunos, apresenta diferenças que oscilam de 0,1 a 0,5, sendo que, escores superiores na auto-avaliação e na média das avaliações grupais, assim se distribuem: para a primeira, uma diferença de 1,2 entre cinco (5) alunos com um resultado de 0,24, ao passo que na segunda encontramos um total de 2,0 entre sete (7) alunos, totalizando uma diferença de 0,28.

– O grupo C, constituído de dezessete (17) alunos, apresenta resultados que oscilam entre 0 a 0,9. Quanto às diferenças de auto-avaliação com resultado superior à média das avaliações atribuídas pelo grupo, entre 10 alunos, temos um total que vai de 0,2 a 0,9 resultando como média de 0,42. Quatro (4) alunos têm auto-avaliação inferior à média atribuída pelo grupo com diferenças de 0,3 a 0,8, ou seja, um intervalo menor que o anterior. A média é de 0,47. Três (3) alunos obtiveram resultados finais idênticos.

– Na turma B, constituída de quatorze (14) alunos, há dois (2) alunos com média de avaliação idêntica. Cinco (5) alunos com auto-avaliações inferiores à média grupal oscilando entre 0,1 e 1 ponto e sete (7) alunos com auto-avaliações superiores às avaliações do grupo que oscilam entre 0,1 a 0,5 obtendo médias de 0,42 e 0,24, respectivamente, a primeira e a segunda.

– A turma A obteve entre os onze (11) alunos os seguintes resultados: hum (1) aluno teve médias iguais nas avaliações, três (3) alunos tiveram auto-avaliação inferior à média que o grupo lhes atribuiu com diferenças que oscilaram entre 0,1 a 1,6, totalizando as diferenças em termos médios de 0,63 e sete (7) alunos tiveram auto-avaliações com resultados superiores à média atribuída pelo grupo com diferenças que oscilaram entre 0,1 a 0,8 totalizando 2,6 e uma média de 0,37.

## VI – CONCLUSÕES

Verifica-se, portanto, que:

1. na turma D as diferenças oscilam em um intervalo menor (0,1 a 0,5).
2. na turma C as diferenças oscilam entre 0 (três alunos) e 0,9.
3. na turma B as diferenças oscilam entre 0 (um aluno) e 1,0.
4. na turma A as diferenças oscilam entre 0 (um aluno) e 1,6.

Logo, a turma A mostra resultados superiores quanto à diferença das demais turmas e a turma D menor diferença.

Entre as diferenças, a turma A constitui o grupo com maior frequência de diferenças além de apresentar maior intervalo e suscitar, na aplicação das avaliações finais, reclamações como era tradicional.

A experiência possibilitou ao aluno dar-se conta das diferenças de percepção que ele tem na execução de suas atividades e tarefas, de como ele avalia aos demais e a si mesmo.

Desenvolver a capacidade de avaliar, auto-avaliar-se e observar.

## VI – COMENTÁRIOS

A repetição da experiência pode ser realizada em qualquer grupo.

Por estar o instrumento montado com bases no objetivo final da disciplina, permite que os estudantes centralizem suas ações com vista ao alcance desses objetivos.

**SUMMARY:** Proposes the employment identical instruments, to be used in cooperative and self evaluation. A study was made among four groups of students experimenting with different types of evaluation. At term, one only instrument was used for all groups. More significant differences between cooperative evaluation and self-evaluation were found on those groups which, along the semester, had used self-evaluation exclusively.

## VIII – BIBLIOGRAFIA

1. MARQUES, J.C. *Paradigma para análise de ensino*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1977.

2. ROGERS, C. *Grupos de encontro*. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 1978.
3. SCHMARCZEK, M. *Programa da disciplina enfermagem na saúde mental*. Porto Alegre, EEUFRGS, 1979/80.
4. . *Sistematização para avaliação cooperativa x auto-avaliação: Relatório Final Subprojeto PADES-UFRGS*, Porto Alegre, 1980.
5. SELLTIZ, et alii. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. 2ª Ed. São Paulo, Herder, 1972.
6. TYLER, R.W. *Princípios básicos do currículo e ensino*. 6ª Ed. Porto Alegre, Globo, 1979.

Endereço do Autor: Marilene Schmarczek  
Author's Adress: Av. Protásio Alves, 297  
Fone: (0512) 31 - 3865  
90.000 - PORTO ALEGRE - RS